

CHORD BLU

Tempo de 'blues'

O transporte-CD Chord Blu é uma orgia de luz e som. Ponha mais um pouco de azul na sua música...

> JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

O problema da informação generalista é partir do princípio – errado – de que os leitores são também todos «generalistas». A escrita profunda, dizem-me, massacra e afunda as vendas. Os leitores querem generalidades, banalidades, novidades. A «profundidade» já foi banida do ensino, da informação, da política e do futebol. E até os jovens evitam «aprofundar» as relações para mais facilmente saírem delas...

Tudo à superfície, portanto, pela rama e o mais abrangente possível, o que significa que se pode escrever sobre tudo, desde que não se escreva sobre nada. Os «especialistas» têm a desagradável tendência para «aprofundar» - são uns chatos. Em vez do hifi puro e duro, demasiado entrópico, opta-se nos jornais por variar: canetas, relógios-despertadores, telefones, vibradores e até hifi. Ou melhor: «ifi». Para não maçar.

LOST IN TRANSLATION.

«Quem muitas cabras toca algumas vai deixar para trás», dizia a minha avó. No «quiosque» do Expresso deixam sempre para trás o hifi. Primeiro baralharam-se com o «vibrador» da Clark Synthesis, depois confundiram o Chord Blu com um leitor-CD portátil e «kitsch» que se podia comprar na loja da esquina. Lost in translation?

O Chord Blu é um transporte digital, de facto - daí ao «portátil» vai apenas um passo, admito. Até porque, sendo pequeno, pode levar-se debaixo do braço para todo o lado - mas desligado...

Apesar do aspecto de caixinha de jóias (caixa de seringas se olhado com algum cinismo), o design não é um fim em si. O «Blu» é um equipamento de precisão sem compromissos, com característi-

cas só possíveis de encontrar em alguns modelos profissionais, cujo objectivo é elevar o som do CD a um novo patamar de excelência. O preço é consentâneo com o objectivo declarado: 6 200 euros!

O GÉNO DE ROB WATTS. O «Blu» foi criado para complementar aquele que eu considero o melhor conversor digital/analógico: o Chord DAC64, a obra prima de Robert Watts. Mas por si só não «toca» CDs: limita-se a «lê-los» e a enviar a informação para o DAC64 (ou outro conversor externo) para que este a interprete. Quem fosse na conversa do «quiosque» gastava uma fortuna e ficava sem perceber por que motivo o Blu não tocava - mesmo ligado à corrente...

Sem querer maçar muito os leitores, permitam-me ir mais fundo: Um leitor-CD é composto por um transporte/leitor que

há, não pode haver, diferenças de desempenho entre eles. De facto, há. E grandes diferenças! Mas não aprofundemos demasiado...

MELHOR É IMPOSSÍVEL? O Chord Blu foi concebido para fornecer ao DAC64 a melhor informação possível. Ou melhor: impossível, porque é melhor que a original! Como? Multiplicando-a por dois e por quatro, respectivamente, e adicionando-lhe «dither» a gosto. E o que é isso do «dither»? Têm mesmo a certeza que querem que eu explique? Ná, é melhor não. Pas-

cia matemática é a optimização da coerência musical e temporal, algo que já me tinha impressionado tanto quando testei o DAC64 que comprei um para uso pessoal. Querem melhor recomendação? Significa isso que o leitor (refiro-me agora a si) deve ir a correr comprá-lo? Claro que não, até porque a família nunca lhe perdoaria, porque pelo mesmo preço pode comprar um sistema surround completo com 5.1 canais e leitor-CD/DVD/SACD. E ainda: um plasma! Significa apenas que quem tem um siste-

que temos duas orelhas, uma de cada lado da cabeça, e não apenas uma na testa ou na nuca). Somos assim capazes de detectar diferenças da ordem dos microsegundos. Para ter um resolução temporal de 1 microsegundo, o sistema de gravação digital devia funcionar a uma frequência de 1MHz: 1 000 000 de vezes por segundo! E não 44 100 como nos impingiram. Não admira que as pessoas mais sensíveis se sintam incomodadas quando ouvem CD: o cérebro anda em busca do tempo perdido, como Proust. E cansa-se, coitado!, mesmo não saindo do quarto.

FUGA DO PURGATÓRIO. O «Blu» não só quadruplica a velocidade de amostragem como tem um filtro WTA altamente sofisticado que corrige os desfasamentos temporais. O resultado (em especial a 176,4kHz) é um som muito semelhante (eu disse: semelhante, não disse igual) ao do SACD: mais limpo, coerente, transparente, informativo e, acima de tudo, com mais ritmo. O som é também mais doce com uma característica orgânica e texturas naturais.

O «Blu» recomenda-se, em particular para quem já é possuidor de um DAC64. A máxima resolução só é possível de obter com o novo modelo (dupla ligação digital), ainda que eu continue a achar que a primeira versão soa melhor a 44,1kHz. Creio que se deve à fonte de alimentação comutada mas não me obriguem a ir mais fundo, por favor.

Aconselhável apenas para audiófilos inveterados que andem a penar há vinte anos no purgatório digital depois de terem abandonado o paraíso analógico enganados pela serpente do mercado.

Um reparo: a tampa manual (mola demasiado forte) e o colocar/retirar do disco no «Blu» são, no mínimo, incomodativos e exigem algum treino. Pelo preço justificava-se uma tampa motorizada.

Nota: Em www.hificlube.net pode ler «Deep Blu», ou seja, o mesmo assunto tratado ainda com maior... profundidade.

Distribuidor: Alfida, V.Castelo, telef. 258 80 15 80 (em Lisboa, pode ouvi-lo sem compromisso na «Absolut», telef. 21 355 27 10)



«lê» a informação digital contida no disco e um circuito que a converte em sinais analógicos compatíveis com os amplificadores convencionais. Daí a criarem-se componentes separados para cada uma das funções foi uma questão de tempo. Em teoria, bits são bits e todos os transportes «lêem» a mesma informação, pelo que não

semos à frente, então. Uff!

Há conversores que fazem «up-sampling» (e nunca me convenceram), isto é, elevam a frequência de 44 100 amostras por segundo para 96 000 ou até 192 000. Mas já reparou que 96 e 192 não são múltiplos de 44? O «Blu» não faz nada por excesso: 88 200 e 176 400 são os múltiplos correctos, e é isso que ele fornece ao DAC64. O resultado desta coerên-

ma highend compatível e uma grande colecção de CD (e só CD!) deve colocar o par Chord Blu/DAC64 na sua lista de alternativas a considerar seriamente. Eu já considereei.

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO. Há quem pense que a vantagem de aumentar a velocidade de amostragem é poder ouvir frequências acima da banda áudio: sons agudos. Mas se o ouvido não chega lá, onde está a vantagem? No tempo. No tempo? Exactamente. Eu desta vez explico (só pela rama):

Ao contrário dos animais, nós não ouvimos sons supersónicos. Contudo, mantemos a capacidade de localizar a origem dos sons no espaço pela diferença de fase (diferença de tempo de chegada) aos nossos ouvidos (não é por acaso